



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO LICENCIATURA EM LETRAS**

ALCINA SIMPLÍCIO DOS SANTOS

**O CANDOMBLÉ EM PAUTA: UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO
PERSONAGEM PEDRO ARCHANJO, NA OBRA TENDA DOS MILAGRES, DE
JORGE AMADO**

CAMPINA GRANDE – PB

2015

ALCINA SIMPLÍCIO DOS SANTOS

**O CANDOMBLÉ EM PAUTA: UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO
PERSONAGEM PEDRO ARCHANJO, NA OBRA TENDA DOS MILAGRES, DE
JORGE AMADO**

Artigo apresentado ao Departamento de Letras
e Artes da Universidade Estadual da Paraíba
como requisito para conclusão do curso de
Letras com Habilitação em Língua Portuguesa.

Orientador Prof. Dr. Edson Tavares Costa

CAMPINA GRANDE - PB

2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S237c Santos, Alcina Simplício dos.

O candomblé em pauta [manuscrito] : uma análise da representação social do personagem Pedro Archanjo, na obra tenda dos milagres, de Jorge Amado / Alcina Simplício dos Santos. - 2015. 21 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015.

"Orientação: Prof. Dr. Edson Tavares Costa, Departamento de Letras e Artes".

1 Candomblé. 2. Cultura africana. 3. Pedro Archanjo. 4. Identidade. I. Título.

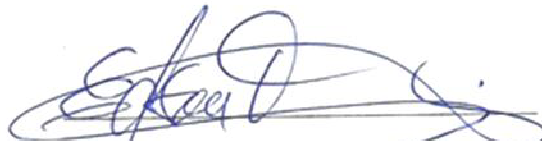
ALCINA SIMPLÍCIO DOS SANTOS

O CANDOMBLÉ EM PAUTA: UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO
PERSONAGEM PEDRO ARCHANJO, NA OBRA TENDA DOS MILAGRES, DE
JORGE AMADO

Artigo apresentado ao departamento de Letras e
Artes da Universidade Estadual da Paraíba como
requisito para conclusão do curso de Letras com
Habilitação em Língua Portuguesa

APROVADO EM: 12/03/15

NOTA: 9,5



Prof. Dr. Edson Tavares Costa
Orientador

Ana Lúcia Maria de Sousa Neves

Prof.ª Drª Ana Lúcia Mª de Sousa Neves – UEPB
Examinadora

Francisca Zuleide Duarte de Souza

Prof.ª Drª Francisca Zuleide Duarte de Souza – UEPB
Examinadora

**A todos os Babalorixás e Yalorixás que, mesmo perseguidos, não deixaram o candomblé
padecer,
DEDICO.**

AGRADECIMENTOS

A meu pai Oxóssi, por me guiar, com sua flecha, para que eu nunca tome o caminho errado;

A Ogun, senhor dos metais, que, com sua espada, protege todos os seus filhos;

À Universidade Estadual da Paraíba, por ser um espaço em que o conhecimento tem seu lugar de destaque;

Ao Departamento de Letras, por ter professores tão competentes e preparados;

Ao Professor Edson Tavares, por suas valiosas contribuições e sua paciência invejável;

Aos meus colegas, que sempre me incentivam e me aceitam, demonstrando grande tolerância religiosa;

A minha amada tia Kelva, por sempre estar ao meu lado;

Ao Afoxé Oyá Tokolé, por sempre me emocionar e me acolher;

A todos os batuques, que não deixaram o preceito cair no esquecimento.

RESUMO

Perceber como a cultura africana se constitui em um elemento na construção identitária do Brasil é um dos aspectos primordiais no processo de conscientização acerca do lugar que o negro deve ocupar no espaço social do projeto de nação, pois suas contribuições culturais favoreceram o fortalecimento da identidade nacional. Nesse sentido, este estudo reflete acerca do candomblé enquanto elemento de significação social do personagem Pedro Archanjo na obra *Tenda dos Milagres* (1969) de Jorge Amado; para tanto, analisa sociologicamente a presença da religiosidade para além dos rituais simbólicos e observa como a vivência do personagem reafirma as noções de pertencimento social e mestiçagem através de sua consciência crítica e seu conhecimento. É um trabalho que tem como base teórica, dentre outros, os estudos de Prandi (2001), os quais lançam luz sobre a importância da multiplicidade étnica trazida pelos negros no período da colonização, bem como o conceito de identidade colocado por Hall (2008); (2003) para quem a construção identitária se faz num processo intenso de hibridização, fator pertinente no discurso do personagem, ao perceber o candomblé como processo de (re)definição cultural negra. Assim sendo, o trabalho tenciona refletir como essa manifestação cultural contribui para a formação do conceito de identidade apresentado pelo personagem além de perceber a maneira como esse fato se constrói em um elemento de resistência e significação social dentro da narrativa.

PALAVRAS-CHAVES: Candomblé. Cultura. Pedro Archanjo. Identidade.

ABSTRACT

Understanding how African culture constitutes an element in the identity construction of Brazil is one of the main aspects in the process of awareness about the place that the black should occupy in the social space of the national project, for their cultural contributions favored the strengthening of national identity. Therefore, this study reflects on how Candomblé is configured in aspect of social representation of the character Pedro Archanjo in the literary work *Tenda dos Milagres* (1969) by Jorge Amado; In this regard, it analyzes ethnographically the presence of religion beyond the symbolic rituals and notices how the experience of the character reaffirms the notions of social belonging and miscegenation through his critical awareness and knowledge. It is a work that has as theoretical basis, among others, studies of Prandi (2001) which shed light on the importance of ethnic multiplicity brought by blacks in the period of colonization as well as the concept of identity posed by Hall (2008) to whom the identity construction is done in an intense process of hybridization, relevant factor in the character's speech to realize Candomblé as (re) definition cultural setting process. Thus, the work intends to examine what place Candomblé occupies in the narrative in order to contribute to the formulation of the concept of identity presented by the character.

KEYWORDS: Candomblé. Culture. Pedro Archanjo. Identity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 – Candomblé: espaço de construção cultural e elemento de resistência.....	12
2 – Pedro Archanjo e o candomblé: a imaginação da mestiçagem.....	16
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
REFERÊNCIAS.....	20

INTRODUÇÃO

O candomblé, enquanto manifestação religiosa e cultural, constituiu-se, ao longo do tempo, como um dos elementos mais consistentes da identidade afrodescendente, no que diz respeito ao contexto histórico, cultural e social dos indivíduos, portanto, indissociável do conceito cultural africanizado em solo brasileiro. É um processo complexo de hibridização que agrupa aspectos tanto dos preceitos da religiosidade afro, quanto do catolicismo, aproximando algumas práticas católicas, no intuito de desenvolver mecanismos de aceitação, e, no transcorrer do tempo, passa a assumir sua identidade, por essa razão sofrendo perseguições e tentativas de descaracterização das suas tradições; mesmo assim, conseguiu agrupar elementos que garantem sua permanência cultural dentro dos parâmetros sociais estabelecidos, fator que contribuiu para um possível entendimento na contemporaneidade.

Essa aproximação do candomblé com o catolicismo é parte de uma tentativa de sair do isolamento social, que implicou, ao longo do tempo, conflitos e alianças com a sociedade mais ampla, estabelecendo um lugar e uma importância diferenciados em sua história, delineando, entre outras coisas, um processo identitário de transformação e pertença (SANTOS, 2005).

Assim sendo, torna-se relevante aprofundar o conhecimento do lugar que o candomblé ocupa, no processo de ressignificação social e cultural, na construção da cultura brasileira. Torna-se importante perceber como esses aspectos são retratados nos diversos espaços de diálogos, e, principalmente, como se dá a relação entre a religião afrodescendente e as artes.

Dentro desse contexto, este artigo observa como o candomblé se constitui em elemento de construção social do personagem Pedro Archanjo, no livro *Tenda dos Milagres*, de Jorge Amado. A escolha desse personagem deu-se pelo fato de ser ele um exímio conhecedor dos preceitos da religião africana, ocupando o posto de Ojuobá, que, na língua Yorubá, quer dizer “os olhos de Xangô”, um dos mais altos postos na hierarquia do candomblé. Esse aspecto tem grande importância para a construção do enredo, porque lança luz sobre a importância da religião de matiz africana na formação cultural da sociedade baiana, direcionando o debate sobre a valorização da cultura e da religiosidade para a

formação dos sujeitos, além de provocar uma reflexão acerca do racismo e da intolerância religiosa, ainda tão presentes na sociedade brasileira.

A obra foi publicada em 1969 e recebeu adaptações para o cinema e para a televisão, além de ser traduzida para alemão, árabe, búlgaro, espanhol, finlandês, francês, húngaro, inglês, italiano, russo e turco. Jorge Amado tece uma profunda descrição de costumes, além de realizar uma forte denúncia social apresentada na obra através do fato de Pedro Archanjo sofrer perseguições pela sua participação nos eventos relacionados ao enfrentamento do preconceito, através dos rituais do candomblé, e por publicar livros que apontam a mestiçagem presente na sociedade baiana da época, a considerada *elite letrada*. Este fato origina toda uma discussão social em torno da valorização dos conhecimentos do personagem e da existência da mestiçagem, criando na narrativa um espaço de diálogo entre as questões étnico-raciais dentro do contexto da formação da identidade brasileira baseadas na sociedade da época. A apresentação da mestiçagem, presente nos estudos do personagem, torna-se altamente relevante por trazer ao fundo toda uma pesquisa histórica, fator que coloca o personagem no mesmo nível dos cientistas da época, por ter desenvolvido uma tese e por ser portador de um conhecimento que nada deixa a dever aos professores acadêmicos.

Esse aspecto se traduz em uma questão de grande relevância para o debate acerca do lugar das manifestações religiosas, em especial o candomblé, no imaginário popular, e a importância que a ciência tem na vida do personagem, contribuindo para que ele possa desenvolver uma reflexão que vai justificar a importância da mestiçagem no projeto de nação que desenvolve e defende através de sua vivência.

O estudo também estabelece um discurso entre a narrativa e o entendimento acerca do lugar do negro na construção da cultura popular, uma vez que as manifestações desenvolvidas no enredo trazem à tona uma reflexão aprofundada da valorização da cultura africana como forma de conceituação da própria identidade brasileira, na medida em que o autor descreve com minúcias, além do candomblé, práticas relevantes e bem presentes na cultura brasileira, a exemplo da roda de samba, da capoeira, da culinária e dos folguedos.

É um estudo que leva em consideração o uso de elementos narrativos como construção de um conceito social pertinente aos entendimentos dos elementos histórico-culturais presentes na sociedade brasileira contemporânea, utilizando-se do conhecimento do

personagem para entender de que forma o candomblé se coloca como elemento de luta e resistência na tentativa de ocasionar um debate político-cultural que vai permear todo enredo e contribui para legitimar a presença negra na construção do projeto identitário nacional.

1 - Candomblé: espaço de construção cultural e elemento de resistência

A presença africana em terras brasileiras contribuiu de forma decisiva para a construção de um projeto de nacionalidade desenvolvido pelo encontro de culturas, que convergiram, em solo nacional, no período da colonização. De todos os povos que para cá vieram, os africanos foram, sem sombra de dúvidas, os que mais se fizeram presentes, dada a circunstância de fixação forjada através da imposição e da violência.

Segundo Prandi (2001), os africanos trazidos das diferentes partes da África não se tratavam de um povo, mas de uma multiplicidade de etnias, nações, línguas e culturas. Este fator lançou as bases para a hibridização de costumes, ritos e comportamentos, que, ao longo dos séculos, contribuíram para o início da construção identitária brasileira, através da miscigenação e das mais variadas expressões culturais, dentre elas o candomblé, que se firmou em solo brasileiro, e hoje pode ser considerada uma referência cultural consolidada, que guarda aspectos da tradição africana e se afirma como importante elemento de resistência e identidade.

Para Santos (2011, p. 27), “o mais notável patrimônio cultural deixado pelos negros escravos é sem dúvida sua religiosidade que é denominada religião afro-brasileira e sempre foi uma maneira dos povos oprimidos articularem seus movimentos defensivos à dominação.” Por meio da religiosidade, os escravos conseguiam preservar suas tradições e construir um ambiente de memória e afirmação, na medida em que a constituição do candomblé se apresentou como uma instituição religiosa, cultural e social, detentora, em seus ritos, de elementos que aproximam os indivíduos dos seus antepassados e assim estabelece um sentimento de pertença que, no período da escravidão e até na contemporaneidade, se constitui um importante mecanismo de identificação do afrodescendente, representando-o e contribuindo para reforçar seus laços culturais.

Braga (1998) coloca que o candomblé deve ser entendido como um conjunto mais amplo, que envolve, para além dos compromissos religiosos, uma filosofia de vida, uma maneira especial de interação do homem consigo mesmo, com a natureza, com seu passado, com sua origem e sua especificidade cultural, relacionando esses aspectos com o processo que elabora e particulariza a formação da sociedade brasileira.

De fato, a sobrevivência do candomblé, assim como outras manifestações culturais trazidas pelos negros, dependia de sua capacidade de relacionamento com a cultura branca; em outras palavras, a preservação daquilo que é africano requeria apagar ou disfarçar a origem e a marca negra, um processo que não se deu de forma pacífica e até hoje encontra ecos formalizados, na tentativa de embranquecimento das expressões culturais negras, seja na arte, na religião seja na cultura, transformando manifestações como o candomblé em expressões marginalizadas, aspecto que contribui para o desconhecimento acerca da importância que esses elementos culturais têm na construção da identidade nacional.

Essa visão deturpada, que inferioriza as religiões de matiz africana, foi reforçada pelos primeiros estudiosos do século XIX, que, por influência das teorias evolucionistas, basearam sua produção historiográfica no modelo monoteísta cristão, tendendo a classificar as religiões africanas como formas primitivas de culto.

Foi um pensamento que, por muito tempo, serviu para criar e alimentar um modelo de preconceito que até hoje se faz presente na tentativa cotidiana de descaracterização do candomblé, reservando a este o rótulo pejorativo de *feitiçaria*, e, por vezes, endossando o discurso racista que coloca o negro numa posição desprivilegiada dentro do contexto da formação cultural do país.

Dentro desse aspecto, surge a necessidade de refletir sobre o espaço que o negro deve ocupar nesse debate social, uma vez que sua participação no processo de colonização e de construção da essência brasileira é marcante e visível, não podendo assim ser negligenciada, uma vez que atuou como sujeito agente no processo de nacionalização. É o que se pode entender através do pensamento de Ribeiro (2006, p. 205):

O enorme contingente negro e mulato é talvez, o mais brasileiro dos componentes de nosso povo. O é porque, desafrikanizado na mó da escravidão, não sendo índio nativo nem branco reinol, só podia encontrar sua

identidade como brasileiro. Vale dizer como um povo novo, feito de gentes vindas de toda parte, em pleno e alegre processo de fusão.

Dessa forma, cabe evidenciar a necessidade de entender como essa construção se fez e se faz presente ainda hoje, no processo de identificação cultural que o povo negro estabeleceu na sociedade brasileira, sendo o candomblé uma das manifestações mais ativas e atuais nesse processo de ressignificação, pois foi através da religiosidade que o negro encontrou forças e meios de resistir à escravidão conservando seus ritos intactos na contemporaneidade e favorecendo assim a permanência de seus construtos sociais.

Esse fato aponta para o entendimento de que a religiosidade africana é um dos elementos identitários do negro e da resistência à escravidão aqui no Brasil, na medida em que a prática dos ritos serviu para agrupar diferentes nações e fortalecer a luta negra, aspecto que pode ser entendido através da afirmativa de Santos (2011, p. 27):

A religião afro-brasileira possui nomes diferentes em diferentes regiões do país, como por exemplo, Xangô no Recife, Macumba ou Umbanda no Rio de Janeiro e Candomblé na Bahia. A religião sempre foi uma maneira de povos oprimidos articularem seus movimentos defensivos à dominação. No caso do Brasil, o candomblé surgiu, historicamente, como foco de resistência religiosa cultural das populações negras, para preservarem suas tradições e os elementos fundamentais do seu conjunto de crenças.

Esse aspecto é importante porque contribui para o entendimento de que o candomblé é um elemento de ressignificação, na medida em que fundamenta o discurso de resistência, fortalecendo as marcas identitárias do povo africano e arregimentando as características culturais de pertença que o transformam em um importante espaço de luta contra o preconceito e aspecto cultural relevante dentro da esfera de afirmação social do povo negro.

Para Hall (2008), a construção da cultura negra não é pura, está em constante processo de hibridização, na medida em que carrega indicações para o seu processo de ressignificação social. É através do reconhecimento de sua condição de sujeito reflexivo que o negro consegue fazer de suas manifestações culturais um objeto de defesa e de ocupação, elaborando para isso discursos que descontroem a noção de raça e a imposição da religião católica. É este aspecto que se percebe no uso do candomblé enquanto espaço de resistência, na medida em que o negro se utiliza de seu ritual, não só para celebrar a religião, mas para deixar expressa sua significação enquanto sujeito social, portador de uma identidade múltipla

e igualmente válida dentro das variações culturais nas quais cotidianamente circula, juntando a elas sua contribuição.

Essa herança africana meio cultural meio racial associada às crenças indígenas, emprestaria, entretanto à cultura brasileira, no plano ideológico, uma singular fisionomia cultural. Nessa esfera é que se destaca, por exemplo, um catolicismo popular muito mais discrepante que qualquer das heresias cristãs tão perseguidas em Portugal. (RIBEIRO, 1995, p. 105)

Esse aspecto se faz presente na narrativa na medida em que, ao aproximar o candomblé do catolicismo, deixa expresso o propósito do enredo em reafirmar a importância da religião no processo de hibridização cultural pretendido no texto, pois na medida em que esse encontro acontece, percebe-se que o autor estabelece um espaço reflexivo acerca do lugar que o candomblé deve ocupar no processo de aproximação e diálogo entre os personagens. Esse elemento pode ser percebido no momento em que Pedro Archanjo descobre que o padre também frequenta o terreiro:

Numa dessas tardes, de claro sol e doce brisa, Archanjo vinha pelo Terreiro de Jesus em seu passo levemente gingado. Fora levar um recado do secretário da Faculdade ao prior dos franciscanos, um frade holandês de barbas e careca, afável: com evidente prazer degustava um cafezinho, serviu ao risonho bedel:

- Eu conheço o senhor... -falou com acento crespo.

-Passo o dia quase todo aqui na praça, na Escola.

-Não foi aqui – o frade riu um riso cheio de folgazão. – Sabe onde foi? Foi no candomblé. Só que eu estava de civil, escondido num canto, e o senhor numa cadeira especial, junto da mãe-de-santo.

-O senhor, padre, no candomblé?

- Às vezes vou, não diga a ninguém. Dona Majé é minha camarada. Ela me disse que o senhor é muito competente em coisas de macumba. Um dia desses, se o senhor me der o prazer, desejo conversar consigo... –Archanjo sentiu a paz do mundo no claustro de árvores frondosas, flores e azulejos; a paz do mundo no envolvente franciscano. (AMADO, 1998, p. 94)

O candomblé é visto nesse trecho como um elo a se fazer presente entre dois mundos: o espaço ocupado pelo frade – autoridade católica- e o ambiente imagético do ritual africano, a ser descoberto. Esse aspecto povoa todo o enredo e traz, na descrição das práticas, dos rituais, e na presença negra do enredo, os elementos para a idealização da construção identitária e da valorização do culto africano enquanto construto social.

Fanon (2008, p. 72) diz que “a simplicidade do negro é um mito forjado por observadores superficiais”; esse entendimento norteia a narrativa ao demonstrar, através da vivência do personagem Pedro Archanjo, a complexidade existente nas práticas culturais

descritas na Tenda dos Milagres, que, segundo a descrição de Jorge Amado (1998, p. 91), é um lugar onde:

(...) nascem as ideias, crescem em projetos e se realizam nas ruas, nas festas, nos terreiros. Debatem-se assuntos relevantes, a sucessão de mães e pais-de-santo, cantigas de fundamento, a condição mágica das folhas, fórmulas de ebós e de feitiços. Ali se fundam ternos de reis, afoxés de carnaval, escolas de capoeira, acertam-se festas, comemorações e tomam-se as medidas necessárias para garantir o êxito da lavagem da Igreja do Bonfim e do presente da Mãe-d'água. A tenda dos milagres é uma espécie de Senado, a reunir os notáveis da pobreza, assembleia numerosa e essencial. Ali se encontram iyaxorixás, babalaôs, letrados, santeiros, cantadores, assistentes, mestres de capoeira, mestres de arte e ofícios, cada qual com seu merecimento.

Numa concepção sociológica, a identidade preenche o espaço entre o interior e o exterior, entre o pessoal e o público, construindo uma estrutura dialógica, que contribui para que o sujeito se situe no mundo cultural em que habita (HALL, 2003). É um ato constante de ressignificação e reflexão, que ocasiona o sentimento de pertença. Nesse sentido, na obra *Tenda dos Milagres* o candomblé é apresentado pelo personagem Pedro Archanjo como um elemento que arregimenta os elementos necessários ao seu processo de resistência e reflexão social, reafirmando sua condição de negro e a importância da religião no cenário social apresentado da narrativa:

Pedro Archanjo Ojuobá, o leitor de livros e o bom de prosa, o que conversa e discute com o professor Fraga Neto e o que beija a mão de Pulquéria, a yalorixá, dois seres diferentes, quem sabe o branco e o negro? Não se engane professor, um só. Mistura dos dois, um mulato só. (AMADO, 1998, p. 269).

Partindo dessa discussão entre a mestiçagem, a presença negra na sociedade baiana da época, a ciência e a multiculturalidade, o autor consegue construir, através da apresentação do candomblé, os elementos necessários para o debate em torno na noção de pertencimento social apresentada pelo personagem, construindo um espaço de discussão, que ao longo de toda narrativa, contribui para uma reflexão aprofundada a respeito do lugar que a religião ocupa nesse processo de ressignificação.

2 - Pedro Archanjo e o Candomblé: a imaginação da mestiçagem

A ideia de mestiçagem sempre esteve presente no imaginário nacional como um problema social e biológico, responsável pelo atraso do país frente ao desenvolvimento das nações europeias. Foi um pensamento gerado no seio das teorias racistas, que atribuíam o *atraso* do país à mistura de raças. Tomada como padrão, a cor branca serviu como elemento

de diferenciação e classificação dos indivíduos, elaborando os conceitos fundamentadores das teorias que procuraram negar a importância do negro e do índio na formação nacional.

Dentro desse contexto, o mestiço aparece no ideário popular do início do século XX como sujeito desprovido de capacidade intelectual, uma vez que circula entre duas raças, e, por isso, torna-se incapaz de definir-se num âmbito social aceitável. Esse pensamento tentou, por muito tempo, justificar as representações mais doentias que a literatura e o cinema posteriormente iriam oferecer. (OLIVEIRA, 2014).

É uma realidade que encontrou um contraponto na descrição da multiplicidade racial como processo de ressignificação cultural, exposto na obra de Jorge Amado, e, em especial, no enredo de *Tenda dos Milagres*, narrativa em que o personagem Pedro Archanjo apresenta-se como a personificação do mestiço letrado, portador dos referenciais necessários ao processo de validação da sua cultura, dentro da construção identitária do Brasil, estabelecendo, através do seu conhecimento, os elementos essenciais para o debate em torno das questões étnico-raciais, e tendo como ponto de apoio o candomblé.

A evidenciação da importância do personagem na narrativa faz-se possível após a descoberta de sua obra por um sábio americano, que vem à Bahia exclusivamente para comprovar a existência da mestiçagem e da hibridização cultural descrita nos estudos publicados por Archanjo; a visita do estrangeiro provoca uma curiosidade no meio acadêmico e na imprensa, acerca da intelectualidade e até da existência do ilustre mestiço.

Através da descrição do nível intelectual do personagem, é possível entender que ele possui um conhecimento consubstancial, e, portanto, pode ocupar um papel primordial dentro das discussões sociais apresentadas ao longo do texto. Partindo das observações sobre a mestiçagem, Amado se utiliza do espaço ocupado por Pedro Archanjo dentro da narrativa para estabelecer uma discussão entre a ciência institucionalizada, presente na academia, e o saber popular, escorado na perspectiva cultural e popular, formalizada nas falas do personagem:

É lícito afirmar ter sido Pedro Archanjo, quem com seus livros quase anônimos, com sua luta contra a pseudociência oficial, pôs fim a tão melancólica fase da gloriosa escola. O debate em torno da questão racial arrancou a faculdade da retórica barata e da teoria suspeita e a reintegrou ao interesse científico, na especulação honrada e original, no trato com a matéria. (AMADO, 1998, p. 137)

Dentro desse aspecto, percebe-se que há na postura do autor, o direcionamento para a centralização acerca da dualidade entre o saber científico e o saber popular. É uma questão que acompanha todo o enredo e serve de aspecto definidor no desenvolvimento das ações do personagem, o qual se utiliza, entre outros aspectos, do candomblé, para assumir sua identidade e justificar a existência da mestiçagem enquanto importante construto social que celebra a fusão, não só de raças, mas de culturas e costumes que moldarão a sociedade no futuro.

A apresentação do personagem, com riqueza de detalhes, proporciona ao leitor uma visão privilegiada, não só dos costumes, mas das tradições pertencentes ao candomblé, e servem como importante espaço de construção para a narrativa e para a identificação das manifestações culturais, enquanto importante elemento de reflexão para o entendimento do enredo e da relevância das ações de Pedro Archanjo, no processo de resistência e afirmação.

- Você é mesmo um filósofo, mestre Pedro Archanjo, o maior que já vi, não tem igual para saber levar a vida com filosofia.
Iam ao candomblé para o amalá de Xangô, obrigação das quartas-feiras. Tia Maci dava de-comer ao santo, no peji, ao som do adjá e do canto das feitas. Depois, em torno à grande mesa na sala, serviam o caruru, o abará, o acarajé, por vezes o guisado de cágado. Mestre Archanjo era bom de garfo, de garfo e de copo. A conversa prolongava-se noite adentro, animada e cordial no calor da amizade; ouvir Archanjo era privilégio dos pobres. (AMADO, 1998, p. 27)

Assim sendo, em todo o espaço da narrativa, é possível perceber que Pedro Archanjo é colocado como representante do povo e da causa negra, construindo seu espaço de resistência e enfrentamento através da sua multiculturalidade, da hibridização dos costumes e, principalmente, do candomblé. Este fator pode ser observado no trecho em que Pedro Archanjo discorre sobre como concilia o conhecimento científico e o culto afro:

- Sou um mestiço, tenho do negro e do branco, sou branco e negro ao mesmo tempo, nasci no candomblé, cresci com os orixás e ainda moço assumi um alto posto no terreiro. Sabe o que significa Ojuobá? Sou os olhos de Xangô, meu ilustre professor. Tenho um compromisso, uma responsabilidade. (AMADO, 1998, p. 253)

E quando profetiza as transformações sociais que a sociedade conhecerá a partir da junção das práticas culturais ocasionadas pela mestiçagem:

Eu penso que os orixás são um bem do povo. A luta da capoeira, o samba-de-roda, os afoxés, os atabaques, os berimbaus, são bens do povo. [...] Sou a mistura de raças e homens, sou um mulato, um brasileiro. [...] Amanhã [...]

tudo já terá se misturado por completo e o que hoje é mistério e luta de gente pobre, roda de negros e mestiços, música proibida, dança ilegal, candomblé, samba, capoeira, tudo isso será festa do povo brasileiro, música, balé, nossa cor, nosso riso, compreende? (AMADO, 1998 p.201).

A partir desse recorte, é possível entender que há um sentido social presente no discurso do personagem, construindo, assim, as bases para o entendimento sobre a relação que há no enredo, entre o candomblé e a formação identitária de Pedro, na medida em que este se apropria do culto afro para levantar sua bandeira em torno das questões sobre preconceito racial, construindo, a partir desse debate, a justificativa para a consolidação de uma cultura nacional.

Para Francisco (2010, p. 157) “a identidade está na consciência do sujeito e, para além disso, está o indeterminado”. Nesse sentido, o indivíduo, ciente de sua posição social, consegue construir seu particularismo histórico e estabelecer seu espaço enquanto ser de direito, dialogando com sua cultura e ressignificando seus conceitos.

Pedro Archanjo consegue construir seu processo de representação social, à medida que estabelece um conceito claro acerca do lugar que o candomblé ocupa na sua identificação enquanto sujeito social, defendendo sua tradição e questionando o cientificismo que reduz sua religião:

Tudo aquilo que foi meu lastro, terra onde tinha fincado os pés, tudo se transformou num jogo fácil de adivinhas. O que era milagrosa descida dos santos reduziu-se a um estado de transe que qualquer calouro da faculdade analisa e expõe. Para mim, professor, só existe a matéria, mas nem por isso deixo meu posto de Ojuobá, cumprir meu compromisso. Não me limito como o senhor que tem medo do que os outros possam pensar, tem medo de diminuir o tamanho do seu materialismo. (...) o meu saber não me limita professor (AMADO, 1998, p. 270)

É a partir dessas explicações que Pedro Archanjo consegue eleger a diversidade cultural, e, em especial, o candomblé, como importante espaço de debate sobre a resistência e a luta contra o racismo, ao mesmo tempo em que constrói sua identidade, partindo do processo de conceituação sobre a mestiçagem. É um diálogo que se perpetua por todo o enredo e contribui para o entendimento de que é através da multiculturalidade que os indivíduos detectam meios para se perceberem enquanto sujeitos sociais. É através da diferença que os grupos se tornam capazes de entender o sentido dos construtos identitários.

De fato, o personagem Pedro Archanjo é criado e moldado para se contrapor às teorias racistas e dar voz a um povo que, desde cedo, sentiu as agruras do racismo e das limitações sociais, é uma construção literária que elege um posicionamento político que vai estar presente em todo o enredo, justificando a necessidade de reflexão e visibilidade social da cultura negra:

Pedro (Archanjo) será visto por dois mundos diferentes com seus respectivos imaginários: de um lado, será apenas um “pobre” pardo e paisano de outro, um iluminado, um herói com halos de luz divina que tem por missão, derrubar preconceitos e dar visibilidade social à cultura do povo negro-mestiço, resgatando orgulho e dignidade. (OLIVEIRA, 2014, p. 48).

É nesse sentido de dualidade que o personagem constitui-se no mestiço, a quem a narrativa investe de positividade ao torná-lo detentor das qualidades da racionalidade, que os intelectuais da tradição evolucionista tentam a todo custo negar. Seu conhecimento e o uso da sua religiosidade o transformam no defensor natural da causa negra, capaz de circular por todos os ambientes sociais da época e neles conseguir conciliar sua tradição e o conhecimento institucionalizado, construindo, através da narrativa, um debate que extrapola o cientificismo e corrobora para a idealização da mestiçagem enquanto encontro de culturas e chave para a transformação social:

-Pedro Archanjo Ojuobá, o leitor de livros e o bom de prosa, o que conversa e discute com o professor Fraga Neto e o que beija a mão de Pulquéria, a yalorixá, dois seres diferentes, quem sabe o branco e o negro? Não se engane professor, um só. Mistura de dois, um mulato só. (AMADO, 1998, p. 203)

É possível perceber, nesse trecho, que Jorge Amado se utiliza da descrição de Pedro Archanjo para identificar a mestiçagem como o resultado do encontro de culturas, a ciência e a religião, o popular e o requintado, todos agrupados para a construção da nacionalidade, e a presença do candomblé surge em toda a narrativa como o elo entre dois mundos, que, unidos, formam um conhecimento necessário à construção da identidade nacional, sem que um precise se sobrepor a outro, e ambos tornam-se igualmente relevantes na luta social assumida pelo personagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da obra *Tenda dos Milagres* proporciona a constatação de que a ideia de branqueamento da população brasileira, tão defendida pelos adeptos das antigas teorias raciais, é descartada no enredo, na medida em que ocasiona ao leitor uma releitura acerca das

questões culturais e do lugar que as tradições africanas ocupam no projeto de nacionalidade exposto através da vivência do personagem. A presença negra se faz presente na sociedade, de forma incisiva, fator que, por si só, impõe a necessidade de repensar, de forma mais intensa, os conceitos democráticos que asseguram a igualdade entre os sujeitos, principalmente quando se trata da religiosidade.

Através do posicionamento de Pedro Archanjo, da sua luta e da significação dada por ele ao candomblé, é possível perceber que Jorge Amado antevê a consolidação da mestiçagem enquanto riqueza de um patrimônio cultural e humano, que o escritor faz questão de colocar em pauta, para demonstrar a possibilidade de uma convivência pacífica entre os povos de diferentes etnias e raças, construindo, assim, uma crítica ao pensamento racista, ainda tão em voga na sociedade brasileira.

É assim que Pedro Archanjo – o Ojuobá – situa-se entre dois mundos diferentes, considerados mesmo oponentes entre si: de um lado, a ciência, que tudo explica, e, de outro, as manifestações populares, no enredo desmerecidas e silenciadas. Quando parte desse contexto, o personagem constrói uma nova cultura, que não exclui as demais, e termina por selecionar o que há de bom em cada uma delas para, a partir daí, superar as dicotomias e ressignificar sua existência e a de seu povo.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Tenda dos Milagres**. 39. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

BRAGA, Júlio, **Fuxico do candomblé**: estudos afro-brasileiros. Feira de Santana-BA: Universidade Estadual de Feira de Santana, 1998.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador-BA: EDUFBA, 2008.

FRANCISCO, Dalmi. Comunicação, identidade cultural e racismo. *In*: FONSECA, Maria Nazareth. **Brasil afro-brasileiro**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010. p. 117-151.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pos-modernidade**. Belo Horizonte-MG: UFMG, 2008.

_____. **Da diáspora**: identidade e mediações culturais. Belo Horizonte. Editora:UFMG, 2012.

OLIVEIRA, Humberto Luiz Lima de. Os milagres da tenda: uma leitura da mestiçagem em Jorge Amado. *In*: SWARNAKAR. Sudah; LOPES. E. F; GERMANO, Patrícia Gomes.(org.) **Nova leitura crítica de Jorge Amado**. Campina Grande-PB, EDUEPB, 2014. p. 34-59

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SANTOS, Eufrazia C. Menezes. **Religião e espetáculo**: análise da dimensão espetacular das festas públicas do candomblé: USP, 2005, 229 p. Tese (Doutorado) Programa de pós-graduação em Antropologia Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

SANTOS, Nadja. A. C. O candomblé na representação da yalorixá. *In*: **Entrelaçando**: caderno temático educação e africanidades. Rio Branco-AC: EDUFRB, 2011.